

O espaço público e o turismo

Identidade e cenário em duas praças da cidade do Porto

Jorge Ricardo Pinto
Docente do ISCET

Resumo

Com a crescente perda demográfica, económica e social com que o centro das cidades se tem deparado e o conseqüente crescimento das áreas suburbanas ou periféricas, as formas urbanas do passado assim como o espaço público central têm sido incontornavelmente questionados pela sua suposta desadequação à realidade contemporânea. Através de uma abordagem de sustentabilidade urbana e perante as novas oportunidades criadas pela sociedade pós-moderna e pelo crescimento do turismo urbano, este artigo visa discutir o papel das formas urbanas herdadas do passado, moldadas ao longo de séculos pelos velhos usos e costumes, entretanto desaparecidos ou em mutação radical devido às profundas transformações sociais, económicas e tecnológicas que desde o final do século XIX têm tido lugar.

Abstract

With the increasing demographical, economical and social loss that the centre of the cities has been facing and the consequent growth of the suburban/peripheral areas, the urban forms of the past and the central public space have been unavoidably questioned by its supposed inappropriateness to the contemporaneous reality. Through an approach of urban sustainability and facing the new opportunities of the post-modern society combined with the increasing numbers of urban tourism, this article aims to discuss the role of the urban forms inherited from the past, shaped throughout centuries by old uses, habits and practices, now disappearing or changing drastically due to the profound social, economical and technological changes that, since the late nineteenth century, have become a reality.

Palavras-chave: cidades, centro, espaço público, turismo urbano, identidade

Keywords: cities, downtown, public space, urban tourism, identity

1. Introdução

Há quase quatro décadas atrás Hall (1970) previa que *“the age of mass tourism is the biggest single factor for change in the Great capitals of Europe – and in many historic cities too – in the last 30 years of this century”* (citado em Page, 1995: xv-xvi). Nesse percurso recente, na ânsia de idealizar o destino e controlar o produto, a indústria do turismo metamorfoseou alguns espaços urbanos em mercadoria, mascarando a identidade destes em mundos de ilusão e cenário e criando, amiudadas vezes, não-lugares para deleite de *“uma multidão amorfa mediante a criação de uma série de actividades que conduzem a passividade”* (Carlos, 1998: 26). Por outro lado, quando não deixados ao abandono ou negligenciados, os centros históricos e a “Baixa” das cidades foram-se reconstruindo de forma fragmentada através de um sem número de projectos e de planos que resultaram, na sua larga maioria, numa colecção de *“expensive, big activity places – tourist attractions – connected to each other and the suburbs by a massive auto-based network”* (Gratz, 1998: 2). Pelo caminho, a identidade dos lugares e a construção complexa da urbanidade foram-se perdendo, aumentando todavia ainda mais o *sprawl* urbano que, na sua voragem rápida, devora recursos, energia e território.

2. Do centro da cidade industrial ao cenário da pós-modernidade

Indubitavelmente, desde meados do século XIX que o coração da maioria das cidades do Ocidente está em profunda transformação. A antiga concentração de poder e mistura social do centro morreram com a emersão do *“private ideal”* (Carter, 1984: 6), com o desenvolvimento do carril suburbano e com a procura desmesurada de habitação, que ajudaram também a explodir com os antigos limites da cidade. Foi o arranque para um sistema de segregação residencial, de subúrbios cheios e um centro adoecido, abandonado aos mais velhos e aos mais pobres.

Ao mesmo tempo, fora do recato privado da residência, o uso do espaço público também se

transformou, a partir do momento em que, como escreveu Sitte, em 1889, *“a substantial part of the erstwhile significance of squares has been lost”*. Os benefícios tecnológicos da Era Industrial ofereciam a cada lar a água potável que anteriormente se retirava da fonte, os novos mercados em ferro albergavam os antigos vendedores ambulantes que pululavam de praça em praça e a multidão abandonava as manifestações públicas exteriores, como as festas, as procissões ou as paradas, em troca do conforto e da privacidade de sua casa. As velhas estruturas físicas da cidade, construídas de forma orgânica ao longo de séculos, de pequena escala, intimistas, assimétricas e acolhedoras, eram, no final da segunda metade de XIX, vistas como inapropriadas ou inúteis, perante o novo paradigma da cidade industrial.

Por outro lado, o fervor da mobilidade e da normalização delapidaram o espaço público de uma série de elementos decorativos e/ou simbólicos que muito o enriqueciam, com particular destaque para estruturas ligadas à igreja católica ou protestante (dependendo dos casos e das nações), numa sociedade cada vez mais mecanicista e laica. Em Paris, primeiro no furor pós-revolução, depois na acção *haussmaniana*, este movimento acabou por gerar profundos sentimentos de nostalgia, em personalidades como Hugo ou Montalembert, já de si pouco apaixonados pelas transformações levadas a cabo, mas sobretudo por esta delapidação sem rodeios: *“aprovamos totalmente as novas ruas da cidade, mas sem admitir a necessidade absoluta de destruir o que restava das antigas igrejas de Saint-Landry e de Saint-Pierre-aux-Boeufs, cujos nomes estão ligados aos primeiros dias da história da capital”* (Montalembert (1839) citado em Choay, 1982: 156).

O século XX, particularmente na sua segunda metade, acelerou o esvaziamento demográfico do centro e sublinhou o alheamento da população dos espaços públicos centrais em detrimento de um subúrbio cada vez menos romântico, é certo, mas cada vez mais alargado, prático, funcional, moderno e barato. À entrada do século XXI, perante uma sociedade

diferente daquela que há cerca de 150 anos atrás iniciou o êxodo do centro em direcção à periferia, que desafios pode o velho e artesanal centro tradicional enfrentar perante a realidade pós-moderna e o entusiasmante crescimento do turismo urbano?

Diversos autores como Baudrillard, Giddens ou Amendola, têm defendido a emergência de uma nova condição do indivíduo e da cidade, uma vez que “*se a cidade moderna girava em torno da fábrica e a indústria comandava a sua organização social, cultura e arquitectura, a cidade pós-moderna é acima de tudo um centro de consumo, jogo e entretenimento, organizada em torno dos espaços comerciais e da simulação, dos lugares da hiper-realidade e dos territórios da contemplação*” (Cachinho, 2006: 48). Estamos portanto perante uma nova *mindscape*, que habita o imaginário do indivíduo de qualquer classe social, em que este tanto é actor como espectador de uma representação social que tem na cidade, e em particular nos seus espaços de consumo, o cenário perfeito. É, de certa forma, um retorno ao período barroco, ainda que, desta feita, a profundidade da teatralização seja tal que usualmente não se percepcione de forma clara o que é a realidade e o que é a simulação. Nada contudo que verdadeiramente seja relevante, desde que esta responda aos anseios, sonhos e desejos do indivíduo, que busca incessantemente novas experiências.

Foi também como resposta a esta ambição que a cidade se foi transformando e, em larga medida, mimetizando nos novos espaços periféricos de consumo de enorme sucesso, deixando ao abandono a realidade do centro e criando hiper-realidades na periferia que respondessem ao imaginário da população. Falamos do sucesso interminável do *shopping center*, entre o lazer colectivo em segurança que faz as delícias de todos, em cenários virtuais de fachadas de papelão e cores garridas, e a figura do *flâneur*, o passeante errante de Walter Benjamin, que ama a solidão mas quer vivê-la no meio de desconhecidos. Ao mesmo tempo, uma outra cidade, cada vez menos central, ainda que ocupe o centro geográfico da metrópole, define-se só e entristecida

nas cores agora desbotadas das velhas fachadas seculares¹.

Na verdade, bem vistas as coisas, nem tudo tem sido assim. Como já foi demonstrado por diversos autores, um processo geralmente lento tem gerado uma ligeira renovação de determinados espaços da cidade tradicional, onde usualmente se encontram “*loft developments, good restaurants, clubs, museums, and a sizable, visible gay and single population*” (Kotkin, 2005: 152). Este processo de gentrificação proporciona uma suave injeção demográfica e a recuperação isolada de determinados edifícios, em particular de uso residencial. No fundo, é ainda a procura da moda, do estilo e da imagem – noções fundamentais da nova condição pós-moderna – que proporcionam este movimento, gerado por quem procura e anseia por uma nova experiência – a palavra-chave de todo este conceito. Por outro lado, também em busca deste “*wish fulfilment*” e de “*educational opportunities*” (Page, 1995: 25), uma horda de turistas urbanos tem invadido os centros da cidade, condensando tantas vezes a sua visita num intenso “*«veja tudo depressa para dizer que viu tudo»*” (Carlos, 1999: 30), possibilitando ao turista o reconhecimento do lugar e a prova fotográfica, mas raramente o real conhecimento do espaço e do seu carácter.

Considerando os princípios da reutilização e da gestão correcta dos espaços construídos, muito há, pois, ainda a tratar e resolver para que se possa efectivamente afirmar que a cidade tradicional regressou, sobretudo porque ela é, de há muito, marginalmente utilizada, não se rentabilizando as virtudes que possui e, acima de tudo, não respeitando o seu *genius loci*.

3. Duas praças do Porto: São Lázaro e Poveiros

Peguemos, como exemplo, no caso de duas praças portuguesas da cidade do Porto: a Praça dos Poveiros e o anexo Passeio de São Lázaro. Os dois lugares desenvolveram-se de forma orgânica, pelo menos

1 - Seguramente, algumas cidades do Ocidente ainda mantêm o seu centro vivo, como Paris ou Viena, entre outras, sendo estas contudo a excepção à regra.

desde o século XVI, no exterior da muralha gótica do século XIV, junto a uma estrada de saída da cidade para Oriente.

Das duas, a praça mais próxima da muralha gótica era o antigo Largo de Santo André, actual Praça dos Poveiros, onde até ao século XIX sobressaía, porque estava numa ligeira elevação do terreno, uma pequena capela com um espaçoso adro, um cruzeiro de granito e uma pequena escadaria. Ali, de há muito, realizava-se semanalmente a feira da erva e anualmente, a 30 de Novembro, a feira de Santo André, onde se vendiam, entre outras coisas, sementes, utensílios agrícolas e ferragens e que juntava muitos fiéis, curiosos e passeantes da cidade do Porto e de muitas aglomerações vizinhas. Era também um momento de enorme celebração uma vez que coincidia com o ritual da matança do porco², o que originava um desfile de soluções gastronómicas com o suíno sempre como principal ingrediente³, em tendas e bancas que se espalhavam pela praça. Estas duas feiras/mercados ao ar livre desapareceram no princípio do século XX.

Ligado a este largo pela parte Sudeste, encontrava-se o Campo do Arrabalde de São Lázaro, actual Passeio de São Lázaro, cuja toponímia desde logo nos remete para a sua posição periférica e para o facto de ter recebido uma casa de leprosos em data incerta mas “*que se supõe ter sido durante o primeiro quartel do século XVI*” (Marçal, 1965a: 108). O hospital dos lázaros havia sido fundado presumivelmente na parte baixa da cidade do Porto, dentro de muralhas e junto ao rio Douro, tendo então sido transferido para o campo do Arrabalde, num processo higienicista muito comum nas cidades europeias, no período tardo-medieval. O hospital ficava situado na fachada Sul do Campo do Arrabalde e possuía uma capela. O Campo ou Terreiro de São Lázaro em frente da gafaria era, até às primeiras décadas do século XIX, um modesto

lugar de feira povoada de frondosos castanheiros e carvalhos, de uma fábrica de cerâmica, uma pequena capela a São Dionísio e de uma mão cheia de cruzeiros. De entre estes, destacava-se o cruzeiro do Senhor da Consolação do século XV, que ficava na embocadura de um pequeno largo com o nome de Ramadinha, precisamente entre São Lázaro e os Poveiros. Em 1724, no lugar ocupado pela Hospital foi instituído o barroco Real Recolhimento das Meninas Órfãs de Nossa Senhora da Esperança, onde pontificava a Igreja de Nossa Senhora da Esperança, em estilo Rococó, atribuída ao reconhecido arquitecto italiano Nicolau Nazoni.



imagem 1

Em São Lázaro fazia-se a feira dos porcos duas vezes por semana e a anual feira de São Lázaro, que ocorria entre o Domingo de Lázaros e o de Ramos, e tinha um cariz eminentemente agrícola (até porque, até meados de XIX, toda aquela área era ainda marcadamente rural) e “*nela participavam feirantes dos mais variados ramos de negócio, com barracas de fazendas, de ourivesaria, de quinquilharias, de diversões, de comes e bebes*” (Marçal, 1965a: 110), vindos de todo o Norte do país. Era uma celebração de origem religiosa, mas com profundo cariz comercial e lúdico e um conjunto muito rico de práticas e usos tradicionais.

Em finais do século XVIII, as duas praças ficavam nos limites da cidade, mas graças à extraordinária expansão urbana do Porto no século XIX, devido em grande parte ao crescimento industrial, à crise

2 - Um ditado popular da altura dizia mesmo que “*Quem não tivesse porco para matar no Santo André, tem que matar a mulher!*”

3 - Curiosamente, ainda hoje, cerca de 100 anos depois do desaparecimento da Feira de Santo André, o comércio de restauração na envolvente da Praça dos Poveiros ainda tem como especialidade as carnes de porco.

no mundo rural e à chegada do comboio à cidade, rapidamente, em menos de um século, pertencerão à “Baixa” – o centro financeiro, comercial, político e simbólico do Porto.

Além disso, o século XIX transformou radicalmente estes lugares na sua configuração física. Tal como aconteceu por toda a Europa, a laicização do espaço público imperou, nomeadamente com a retirada dos muitos cruzeiros que dificultavam a circulação de veículos⁴ e com a demolição de pequenas igrejas ou capelas para a abertura ou alargamento de ruas. Foi o caso da antiga capela de Santo André, que ficava no miolo da actual Praça dos Poveiros, e da Igreja de Santo António dos Capuchos, que pertencia ao convento com o mesmo nome (actual Biblioteca Pública Municipal do Porto), que havia sido fundado na fachada Oriental do Passeio de São Lázaro no final do século XVIII. À imagem de Hugo ou Montalembert em Paris, também no Porto as vozes nostálgicas sobre a voraz demolição Oitocentista não se fizeram esperar, em escritores finiseculares como Alberto Pimentel ou Ramalho Ortigão, que em 1887 escrevia: “*Dir-se-ia que os nossos pais morreram para nós muito mais completamente do que morreram para eles os seus avós e os seus bisavós, levando consigo, ao desaparecerem, tudo quanto os rodeava na vida: a casa, o jardim, a rua que habitavam*” (citado em Pereira, 1995: 45).

No espaço central do Passeio de São Lázaro foi inaugurado logo após o fim das lutas liberais e do Cerco do Porto, a 4 de Abril de 1834, o Jardim de São Lázaro, o primeiro jardim público do Porto. O desenho terá sido definido por João Baptista Ribeiro, com um traçado geométrico, consistindo basicamente em canteiros de formas regulares dispostos em torno de um elemento circular central, evocando assim alguns dos traços dos jardins do final do barroco em combinação com os desenhos das praças londrinas. A intervenção relegou a bissemanal feira dos porcos, incompatível com a pacatez aromática de um jardim, para outras paragens mais excêntricas e centrifugou para a sua bordadura a anual feira de São Lázaro que, como muitas das outras celebrações da cidade, foram

4 - Para além de outros usos menos higiénicos.

desaparecendo ou definhando até aos dias de hoje. Actualmente, a antiga, afamada e anual feira de São Lázaro, não passa de um amontoado desordenado de barracas, sem identidade nem coerência, feita sobretudo pela insistência teimosa de alguns comerciantes em manter o humilde negócio.

Todo o espaço está, em abono da verdade, muito pouco cuidado, em particular o micro largo entre as duas praças que dá pelo nome de Largo da Ramadinha. Em tempos foi local de reunião para práticas festivas e de encontro social, em torno do já referido cruzeiro do século XV, que lhe terá dado origem. Hoje, cento e cinquenta anos depois, o cruzeiro está esquecido, num canto de um pequeno cemitério do Porto (nem para uma “*art-cage*”, como diria Camilo Sitte (1889), teve a regalia de ser deslocado), enquanto o pequeno largo da Ramadinha se limita a ser um depósito de carros, com um piso aos solavancos e rodeado de fachadas profundamente degradadas.



imagem 2

E se o jardim do Passeio de São Lázaro mantém alguma animação diurna, sendo sobretudo ocupado pelos idosos em jogos de cartas no jardim, mas também pela prostituição e por consumidores de estupefacientes, a Praça dos Poveiros é um árido bloco de granito, criado pela recente intervenção urbana na cidade do Porto, aquando da oportunidade “Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura”. Foi, no fundo, aquilo que Kostof chamaria de “*grandiloquent agoraphilia of the planners*” (Kostof, 1999: 136), que

aliás se estendeu a outras praças da cidade, na criação de pavimentos em granito de escala excessiva para a envolvente arquitectónica que a suporta, revelando, por parte do(s) seu(s) autores, o esquecimento de regras há muito definidas pelos grandes mestres da arquitectura renascentista, como Palladio ou Alberti, por exemplo.



imagem 3

4. Cirurgia conservadora

Na verdade, em nosso parecer, todo o espaço compreendido por esta análise necessita apenas de ligeiros arranjos, aquilo que Lerner (2003) designa por “*Acupuncture Urbana*”, que sustentadamente despoletem a revitalização do lugar, sem que se tenha necessariamente de fazer uma obra grandiosa ou “*de comunicação*” (Lacaze, 1995: 66), nem que haja essa obsessão pelo arranjo urbano com assinatura que “*demandas to be interpreted, admired, enjoyed as a theme park*” (Kostof, 1999: 181). Ou seja, basta que esses arranjos respeitem o espírito do lugar e que possibilitem a emergência de novos usos contemporâneos e/ou pós-modernos, sem imposição de novas práticas,⁵ e sem o desrespeito pela harmonia estética do passado ou pelos outros usos do espaço público. Isso obrigará necessariamente a uma maior participação pública nas escolhas, mas também uma maior abertura do arquitecto/planeador ao debate,

5 - Apenas como exemplo, aquando da requalificação urbana do “Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura” foram generosamente distribuídas tabelas de basketball ou rampas para skates em várias praças do centro da cidade do Porto, sem aparente critério estético ou funcional.

favorecendo a democracia sobre a tecnocracia.

Saliente-se que toda a envolvente a estes espaços portuenses está no dealbar de um processo de *gentrificação*, tanto nas artérias que no passado estavam ligadas à alta burguesia (em pequenos palacetes urbanos ou moradias de classe alta) como, de uma forma mais adequada ao conceito, “*in a working-class neighbourhood by relative affluent incomers*” (Pacione, 2001: 200). A área em análise tem sido genericamente desvalorizada ao longo do tempo, acima de tudo porque se situa no caminho oposto ao do mar, numa cidade rodeada de centros comerciais fulgurantes e de uma periferia em crescimento populacional intenso desde há três décadas.

Perante este cenário, e, por motivos de sustentabilidade urbana e ambiental, sugere-se uma intervenção conservadora, em que “*the past provides the key to the future*” (Whitehand, 1992: 173), respeitando os que nos precederam mas respondendo também aos anseios de quem vive ou pode vir a desfrutar dos espaços, criando uma sensação de continuidade que permitirá a identificação com o lugar.

Assim sendo, parece justo que, pelo menos nos casos patrimonialmente mais relevantes, a arte urbana do passado, entretanto engaiolada num museu, arquivada num armazém ou abandonada num cemitério, regresse ao espaço público que, tantas vezes, a ela lhe deve a sua morfogénese. É o caso do referido cruzeiro da Consolação, que ficava a meio caminho entre as duas praças que temos analisado e que está na origem do Largo da Ramadinha. A sua integração na cidade acentuará a vertente cénica do espaço, mas irá para além do museu ao ar livre, porque devolve ao largo um marco identitário, passados cerca de 150 anos da sua remoção. Por outro lado, neste mundo da imagem e da representação em que actualmente vivemos, a recuperação simbólica atribui significado ao lugar e permite a criação de novas simulações reais ou hiper-reais, de feição barroca ou pós-moderna. Seguramente, a simples reintrodução de património no espaço público não bastará por si só. Pegando novamente como exemplo

o Largo da Ramadinha, o espaço deve também ser valorizado com uma pavimentação adequada, um aprumo nas fachadas (preferencialmente, mais do que uma operação cosmética exterior) e uma maior disciplina no controlo do estacionamento ilegal.

Por outro lado, a sociedade contemporânea, genericamente informada e culta graças à democratização do ensino, ao papel da televisão e mais recentemente das TIC (e que fez disparar os números de praticantes de Turismo Urbano graças também às viagens Low-cost), sofre daquilo que podemos designar como a ânsia nostálgica suburbana, onde o imaginário do centro, mais idealizado que real, apela à visita museológica ao coração tradicional ou histórico da cidade, onde grassa a cultura em galerias de arte ou nas fachadas dos edifícios. O ordenamento do centro e a sua valorização patrimonial, agregadas a manifestações e práticas culturais e etnográficas, poderão despoletar esta procura potencial (retardada, entre outras razões, pela sensação de insegurança nas ruas), não apenas no estrito sentido da *gentrificação*, mas num espírito muito mais alargado, que permita, ao mesmo tempo, o crescimento demográfico, o desenvolvimento comercial e económico, o crescimento do turismo e a (re)criação da identidade do lugar. Prova disto tem sido o crescimento que outras áreas da cidade do Porto têm sentido, nomeadamente a chamada “zona de Miguel Bombarda”, onde numa área em que desde há algumas décadas se encontravam muitas galerias de arte, foi recentemente criado um evento no primeiro sábado de cada mês para celebrar a abertura de novas exposições, com manifesto sucesso nacional e internacional.⁶

5. Para além do espaço físico

Seria igualmente valioso, como forma de salvaguarda do património imaterial do lugar, que as autoridades locais em parceria com os agentes privados promovessem a recuperação das antigas feiras de São Lázaro e de Santo André, combinando as novas práticas com a recriação

6 - Num inquérito a turistas da cidade do Porto, a visita a galerias de arte foi escolhida por 27,7% dos indivíduos como a principal atracção da cidade. Barómetro CultTour

dos velhos costumes a elas associadas. E é neste contexto que a morfologia urbana herdada do passado poderá ter um papel determinante. Posto em prática um condizente marketing urbano e um verdadeiro empenhamento municipal, o referido lazer colectivo em segurança estará novamente em condições de ser usufruído, em território verdadeiramente livre (e não condicionado pelo privado, como o é no *shopping* de periferia⁷), e permitindo a participação democrática de todas as camadas da sociedade. O cenário histórico, como por exemplo as albinas fachadas barrocas do Passeio de São Lázaro, impregna de realismo e atribui identidade às recriações do passado, tão em voga nos dias que correm⁸, em representações da pós-modernidade, mas podem também ser a alavanca para todo um processo de revitalização e valorização de um território historicamente marginalizado. Acresce ainda sublinhar que as duas feiras realizam-se a cerca de meio ano, uma da outra, o que permitirá um interessante equilíbrio sazonal, e, ao contrário de todos os outros grandes eventos da cidade⁹, a ser realizado na sua deprimida parte Oriental.

Como conclusão, diríamos que a cidade tradicional, depois de uma lenta agonia, deve aproveitar a oportunidade que o turismo urbano e a sociedade pós-moderna lhe oferecem. Ao presentear à população e ao turista a experiência sensorial que procuram, a cidade canónica, a partir da sua morfologia urbana, de raízes profundas e cariz orgânico, possui o ingrediente mágico que possibilitará, ao mesmo tempo, por mais paradoxal que soe, a simulação pretendida pela sociedade pós-moderna e a devolução de uma identidade que os últimos cento e cinquenta anos pareciam ter definitivamente apagado.

7 - “Toronto’s Eaton Center removed about 30000 people in 1985 alone; police there regularly issue trespass tickets to undesirables. Taking photographs on the premises of a mall, even in the parking lot, is often enough to bring out security guards. (...) some elderly mall visitors have learned to evade accusations of loitering by carrying a single shopping bag to mimic active consumption.” (Kostof, 1999: 186)

8 - Como exemplo entre muitos, destaque-se a “Feira medieval” de Santa Maria da Feira que teve, na sua última edição, mais de 500 mil visitantes durante a semana em que se realiza.

9 - Como o Red Bull Air Race ou o Circuito da Boavista.

Bibliografia

Amendola, G. (2000) *La ciudad postmoderna: magia y miedo de la metrópolis contemporánea*, Madrid: Celeste Ediciones.

CACHINHO, H. (2006) *Consumactor: da condição do indivíduo na cidade pós-moderna*, in Finisterra, Lisboa, XLI, 81.

Carlos, A. (1998) «O turismo e a produção do não-lugar» in Yáziqi, E.; Carlos, A.; Cruz, R. [org.], *Turismo – espaço, paisagem e cultura*, São Paulo: Hucitec.

Carter, H. (1984), *Social Areas in Cities: Past and Future* in Institute of Urban Studies, Monograph Series number 3, The University of Maryland.

Choay, F. (1982), *A alegoria do património*, Lisboa: Edições 70.

Fernandes, J. (2005), *A cidade, os municípios e as políticas: o caso do Grande Porto*, in Sociologia, Porto, FLUP, 13.

Gratz, R. (1998), *Back from the edge*, New York: Wiley.

Kotkin, J. (2005), *The City – A Global History*, London: Weidenfeld & Nicolson.

Kostof, S. (1999), *The City Assembled*, London: Thames & Hudson.

Lacaze, J. (1995), *A cidade e o urbanismo*, Lisboa: Instituto Piaget.

Lerner, J. (2003) *Acupuntura Urbana*, Rio de Janeiro: Editora Record.

Marçal, H. (1965), *O antigo Campo ou Terreiro de S. Lázaro* in “O Tripeiro”, Porto, VI série, Ano V (4).

Marçal, H. (1965), *O Desaparecido Largo de Santo André* in “O Tripeiro”, Porto, VI série, Ano V (10).

Pacione, M. (2001), *Urban Geography: A Global Perspective*, London: Routledge.

Page, S. (1995), *Urban Tourism*, London: Routledge.

Pereira, G. (1995), *Famílias Portuenses na Viragem do Século (1880-1910)*, Porto: Edições Afrontamento.

Pinto, J. (2007), *O Porto Oriental no final do século XIX*, Porto: Afrontamento.

Sitte, C. (1889), *City Planning According to Artistic Principles*, London: Phaidon Press. (consultado em <http://www.library.cornell.edu/Reps/DOCS/sitte.htm>)

Whitehand, J. (1992), *The making of the urban landscape*, London: The Institute of British Geographers, Special Publication Series.